

CAPÍTULO 1

Não gosto da minha cara nem do meu nome. Pois é, acho que os dois acabaram por se tornar a mesma coisa. É como se me achasse infeliz dentro deste nome mas suspeitasse que a vida me atirou para ele, me fez para ele e já não há outro que possa definir-me tal como sou. E que já não há saída. Digo Rosário e estou a ver a imagem que todas as noites se reflecte no espelho, o nariz grande, os olhos também grandes mas tristes, a boca bem desenhada mas fina demais. Digo Rosário e nisso está contida toda a minha história, porque a minha cara não mudou desde pequena, desde que era uma menina com nome de adulta e aspecto grave. Digo Rosário e parece que estou a ouvir a minha mãe, quando ainda pronunciava o meu nome por este corredor, quando ainda se lembrava do meu nome e vinha trazer-me a comida no tabuleiro, naquele balançar com que ela andava penosamente, sempre torcida para a esquerda, sempre com um ar de desilusão que se dissipava quando falava com a minha irmã ao telefone. Digo Rosário e chega-me a lembrança intacta da sua desilusão e da ausência da minha irmã que desapareceu antes de a nossa mãe começar a esconder-se no roupeiro e que só voltou para a ver morrer. A minha irmã disse: olha, ela está a reconhecer-me. Mas era mentira, era uma mentira de merda. Nem a mim reconhecia, a mim que lhe mudava as fraldas todos os dias e a amarrava à cadeira para que ela não fizesse as necessidades no corredor e pintasse as paredes com os excrementos. Eu avisava-a: mamã, olha que eu amarro-te, vou amarrar-te, e às vezes até parecia que ela me

estendia os braços para me facilitar o trabalho, como uma criança que sabe que um impulso irrefreável a fará portar-se mal.

Digo Rosário e penso no que sou mas também em todas as coisas que podia ter sido. Já sei que não sou velha, mas digam-me, como é que poderia mudar assim de repente, como é que se muda, digam lá, como é que a gente dá uma reviravolta ao presente quando se foi enredando em qualquer coisa que não queria. E foi assim que no último ano pinteí as paredes, pus estes estores que parecem japoneses, e vendi todo o quarto da minha mãe, até o roupeiro espelhado, que a minha irmã teimava em dizer que valia alguma coisa, e eu dizia-lhe: então vem cá e leva-o ou então vende-o tu, faz alguma coisa; mas ela queria que fosse eu a fazê-lo, como sempre. Ela fiscaliza, mas não actua. Acabei por vendê-lo por tuta-e-meia aos ciganos do Rastro e senti-me tão aliviada ao perdê-lo de vista que eu própria quase lhes teria pago para que o levassem. Resta saber quem se mira nele agora.

Ela não se escondia no roupeiro espelhado, metia-se no roupeiro embutido da entrada, talvez porque uma ocasião a vi com ideias de se enfiar dentro do espelhado e lhe dei uma sapatada na mão, assim, como se faz às crianças, e o fechei à chave e guardei a chave no bolso. Feito isto, quedei-me a pensar, naquela pose de carcereira ou de enfermeira de manicómio. É claro que não estava disposta a que o roupeiro espelhado se esbarrondasse com o peso dela, embora para o fim a minha mãe já pesasse muito pouco, aconteceu-lhe como à fruta quando mirra, que parece de papel. Ela choramingou um pouquinho olhando para a mão, como as crianças, repito, e foi logo para o do corredor, o embutido.

Ao colchão pu-lo na rua às três da madrugada. Disse à Milagros que passasse com a camioneta e o levasse. A minha rua não fazia parte da volta atribuída à Milagros, mas a ela podia-se pedir coisas que os outros nem por amizade se atreveriam a fazer. Eu sabia que mais tarde ou mais cedo qualquer carro do lixo haveria de levar o colchão, mas não queria deparar com ele todas as manhãs quando saísse à rua, tapado com uma capa que tapava outra capa que escondia todas as urinas e os vómitos e o cheiro que emanava dela nos últimos tempos por mais que a lavasse e perfumasse.

Foi cômico o desfecho (quero que entendam bem quando digo «cômico». É a minha maneira de falar. Deveria dizer que o desfecho foi dramático, mas não é esse o meu estilo, eu digo que foi «cômico»). A minha mãe nunca gramara a Milagros, era como se a tornasse responsável por uma qualquer descida vital por onde eu teria resvalado, e o mais irônico, digo eu, foi que um mês antes de ela morrer apanhei um febrão provocado por uma infecção renal, e foi a Milagros (não foi a minha irmã, não foi uma vizinha) quem se instalou cá em casa e andava de um quarto para o outro, feliz por se sentir necessária, mudando a fralda a essa mulher que tantas vezes a olhara de alto, com desprezo. Essa nova mãe que foi a minha mãe, a velha que se metia no roupeiro embutido, a peça de fruta seca, esquecera a sua antiga atitude, todos os seus anteriores desplanantes e chamava-lhe filha e fazia-lhe festinhas na cara. Eu, sinceramente, e não sei se posso ser entendida sem que me julguem uma velhaca, considerava um fracasso que estivesse a cuidar de nós a Milagros. Sei que é feio, eu sei, eu sei, mas no fundo pensava: isto é tudo o que eu mereço?, será que não há no mundo, além desta mulher de aspecto infantilóide, gorda de tantas porcarias que ingere, inocente até raiar a anormalidade, será que não há mais ninguém no mundo que nos queira bem, que se ofereça para nos deitar uma mão?

Não foi no trabalho que eu conheci Milagros. É isto que eu não sei explicar, porque nos conhecemos desde o colégio e eu tinha portanto a experiência suficiente para a ter evitado. Se tivesse querido livrar-me dela, não me faltaram as oportunidades na vida. Mas nunca o soube ou nunca o quis fazer. Agora já não sei. Foi como se houvesse três fases diferentes na nossa amizade, enfim, não acho que se trate de uma amizade como a que podem ter duas pessoas adultas porque, mais do que cumplicidade, havia nisto um tipo de necessidade qualquer, ainda não consegui analisá-lo. Mas posso dizer que a nossa relação foi como uma espécie de empenhamento teimoso da parte dela em rondar à minha volta ao longo dos anos. Podemos falar de três encontros, de três oportunidades que eu tive de me livrar dela.

Sempre igual, a nossa relação foi sempre igual, e ainda dizem que as pessoas mudam. Uma merda. Eu estou marcada, marcada. Rosário,

é esta a minha marca. A marca da criança esquisita. E Milagros reconheceu a minha marca desde o princípio. Desde esse ano da escola, o quinto ou sexto, no recreio. A esquisita que era ela, a esquisita recém-chegada da aldeia, identificou a esquisita que era eu. Nós, os seres estranhos, cheiramo-nos à distância. A diferença foi que eu me esforcei toda a vida por ser normal e por me apartar da minha tribo. Mas não me deixaram. Máxima aspiração da minha vida: ser normal.

As outras raparigas andavam sempre a fazer apostas estúpidas com ela: davam-lhe uma moeda e ela atirava a pastilha elástica ao chão, pisava-a e voltava a metê-la na boca, ou fazia sangue na boca com umas ervas que cresciam no descampado e a que chamávamos *corta-línguas*. A Milagros deitava a língua ensanguentada de fora e as raparigas desatavam a gritar e a correr. A mim dava pena (e só tinha nove anos) que ela não se ofendesse com as risadas das outras. Pelo contrário, Milagros ia atrás delas, morta de riso, e todas entravam numa espécie de histeria colectiva. Para o fim já nem lhe davam dinheiro. Não era preciso. Milagros gostava de chamar a atenção, mesmo que fosse a fazer de monstro. A Monstra, assim lhe chamavam. A Monstra sentou-se ao meu lado na carteira, ou sentaram-na, já não me lembro, e contagiou-me com a sua condição. Fomos ambas marcadas como monstras. Repito, nove ou dez anos. Eu berrava com ela, arrasava aquela sua paixão por se armar em ridícula, e ela, depois de me ouvir atentamente, dizia-me: o que se passa contigo é que tens inveja da minha popularidade. E, de algum modo, foi esta mesma conversa que tivemos praticamente até ao fim. As pessoas mudam? Duvido. É possível que a única coisa que nos leva a mudar nesta vida seja o dinheiro. É este o motivo da minha paixão pelos jogos de azar, porque tenho a impressão de que, se ganhasse de repente qualquer dinheiro inesperado, em grande quantidade, poderia melhorar como pessoa e levar uma vida que estivesse mais de acordo com a minha ideia de felicidade, mas, como não aconteceu, isto tudo não passa de especulações.

Ela era alheia à opinião que os outros tinham dos seus actos, era como se, nela, não funcionasse bem aquela nossa parte do cérebro que serve para sabermos que estão a gozar connosco e para nos sen-

tirmos mal, ridículos. Esse gozo de que a sua pessoa era alvo constante transformava-o ela noutra coisa. Julgava que as pessoas lhe queriam bem, e estava tão convencida disso que houve ocasiões em que até a mim fez quase duvidar, a sério, quase me convenceu, até porque é verdade que ela sempre teve uma certa astúcia para se infiltrar em casas alheias, em festas. Estou certa de que não a convidavam por amizade, mas para servir de diversão ou para servir as bebidas, sei lá. Mas ela não via as coisas assim. Todos os grupos precisam de um bobo. O bobo nunca está sozinho. É assim que vejo as coisas. É claro, ninguém gosta de ter ao pé de si um desmancha-prazeres, mesmo que seja mais inteligente. É esta a razão por que eu sempre tenho estado mais sozinha.

É verdade que deveria agradecer-lhe o meu actual modo de vida porque, se entrei para o trabalho do lixo, a ela o devo. Embora este emprego não seja a grande pechincha. Encontrei-a na rua há uns dois anos e disse-me ela: vamos tomar alguma coisa, e eu disse-lhe que não e que não, escarmentada como estava pela experiência anterior, mas ela contou-me que sabia de uma empresa de limpezas onde havia uns lugares e, na verdade, como eu estava nas lonas, mal sobrevivendo com a pensão da minha mãe, Milagros de novo me endrominou. Esta foi a terceira fase. Havia muito que eu não a via, uns oito anos, desde a época em que ela fazia umas horas no táxi do seu tio Cosme. Tínhamos deixado de nos ver no segundo ano do BUP¹, porque ela não acabou o instituto, ficou-se pelo segundo ano. Foi mais ou menos assim: uma manhã saio para a rua, muito cedo, ainda noite cerrada, para ir para uns escritórios de uma agência de viagens onde eu fazia então as limpezas. Não tinha dito à minha mãe que fazia as limpezas mas sim que estava na secção de atendimento aos clientes, com a minha secretária e o meu computador, para não lhe dar desgosto, e à minha mãe era muito fácil enganá-la porque era uma mulher que não sabia nada, mas mesmo nada de nada da vida. Então, como digo, estou recolhida

¹ Sigla de Bacharelato Unificado Polivalente. (NT)

no abrigo da paragem do autocarro, morta de frio e de sono, era em Fevereiro, acho eu, no meio de outros tão gelados e tão ensonados como eu, e vejo que, na mesma paragem, pára um táxi. E, tanto eu como os outros todos, nada, não ligámos pevide. Mas o táxi apita. E toda a gente a olhar. Nisto baixa-se o vidro, e quem assoma a cabeça, a Milagros, com o sorriso de sempre, a dizer então que é isso, mulher, já não se cumprimentam as amigas. Abre-me a porta e diz que me leva ao trabalho. Entrei e logo me vi ali aconchegada, quentinha, com o aquecimento a toda a força e o rádio a tocar, a felicidade em estado puro. E como me sobrava tempo, quinze minutos, ela parou o táxi no Templo de Debod, e disse: temos de celebrar este encontro, e enrolou um charro.

Eu não fumo. Enfim, acho que não fumei mais de trinta charros na minha vida, mas disse: está bem, pode ser que a manhã se torne mais suportável. Já viram, sem nada no estômago, imaginem, com três passas já eu estava com um riso, com uma indolência e uma paz de espírito tais que ela o interpretou como o começo de um ritual diário. No dia seguinte lá estava ela, na mesma paragem, com a mesma gente a olhar, e assim sempre, um dia atrás do outro, até que ao quinto dia em que estacionou na paragem eu lhe disse: é melhor parares à minha porta porque esta gente já está a começar a passar-se. Aquela gente já mandava bocas, é natural, estão as pessoas na fila para o autocarro, todas lixadas, às sete e meia da manhã, e, sistematicamente, uma tipa da paragem enfia-se no táxi que a vem buscar; isso põe o sangue de qualquer um a ferver. Começou então, com a mesma pontualidade, a parar na minha rua. Esperava em fila dupla e era todos os dias a mesma coisa, o termo do café, o charrito, o bolo, a música. Fazia-me chegar atrasada. Eu dizia-lhe: Milagros, olha que vão correr comigo da agência, a coisa está a ficar tensa.

— Essa gente não te merece — dizia ela, e tinha os olhos cheios de rancor, como se conhecesse toda essa gente, como se soubesse do que estava a falar, como se eu lhe tivesse pedido: defende-me, Milagros.

Porque ela era assim, falava do que viesse à mão. Abordava-se um tema com Milagros e ela desenvolvia-o até à exaustão. E falava

de uma forma um pouco pomposa, como se fosse uma especialista, falava das pessoas, de mim, da vida, desunhava-se a falar, como se estivesse dentro do assunto, falava por falar e era daquelas pessoas que não conhecem o ponto parágrafo; falava como se os assuntos não tivessem fim, como se o seu cérebro fosse incapaz de encontrar um final e o seu discurso se movesse em espiral, e quando se pensava que, finalmente, se ia calar, voltava ao mesmo, ao ponto de partida, incansavelmente. Creio que, além de ser uma maneira de falar que já teria de nascerça, porque já se está a descobrir que nem tudo depende da aprendizagem mas que há sistemas de pensamento que vêm de fábrica, e como não creio que ela fosse uma pessoa muito inteligente, a sua própria história pessoal também a afectou, ao que se devem acrescentar os charros, que se forem um ou dois, ou quarenta, como eu terei fumado, não afectam a pessoa, mas se se começa logo de manhã a fumar, inclusive antes do café, fica o cérebro almofadado, como se fora espuma de colchão. Mas ela já era assim desde pequena, já tinha aquela verborreia, que não havia forma de se fazer estancar, na turma, no caminho para a escola, nos lavabos, sempre a falar à sorrelfa, como se não fosse capaz de encontrar o final de uma história. E com as frases feitas sempre à mão. Foi coisa que sempre me pôs muito nervosa, as frases feitas. Recordo uma tarde, dessas tardes de Agosto em Madrid de calor africano, por volta das quatro, em que eu saí para a rua, em parte para comprar tabaco e em parte pela necessidade urgente de me aliviar um pouco do peso da minha mãe em cima de mim — senão, digam-me que raio se pode fazer na Rua Toledo às quatro da tarde de um dia de Agosto —, e que, tendo posto a mão na cabeça porque me queimava, ouço atrás de mim, com aquela voz aguda inconfundível, «põe-te à sombra, olha que os bombons derretem ao sol», e logo depois do piropo dela ouço as risotas de uns rapazes a quem deve ter parecido a coisa mais cómica do mundo que aquela gorda mandasse semelhante galanteio e que, ainda por cima, a destinatária fosse eu. Virei-me para a matar, fui até junto dela com uma névoa de fúria a cegar-me os olhos, agarrei-a pela *T-shirt* e disse-lhe: és anormal, és uma atrasada, é isso que tu és.